



Entrevista com Maria Luiza Furtado Kahl.....	03
Entrevista com Claudia Palma.....	04
Recortes e percursos de uma clínica.....	05
A infraestrutura da CEIP atualmente.....	07
Anotações sobre a transferência: O objeto, o conto e a vertigem.....	08
Agenda.....	10

Editorial

Neste segundo semestre realizar-se-á a III Jornada da CEIP, nos dias 09 e 10 de novembro de 2012, com o tema “Clínica na Universidade”. Durante este ano, a Clínica vem promovendo discussões, estudos e eventos sobre questões que envolvem essa temática. Apresentamos a quarta edição do boletim (In)Formação alinhado com a mesma proposta.

Fazem parte deste número as entrevistas realizadas com a psicanalista e psicóloga Prof^a Dr^a Maria Luiza Furtado Kahl, precursora da Clínica de Psicologia da UFSM e, com a psicóloga e psicanalista Prof^a Dr^a Cláudia Palma, professora responsável pela condução da CEIP no momento de reafirmação dos seus propósitos do qual resultou no nome da Clínica de Psicologia da UFSM.

Depois segue o texto “Recortes e Percursos de uma Clínica”, escrito por Aline Bedin Jordão, psicóloga e Coordenadora Técnica da CEIP. Após, o texto intitulado “Anotações sobre a transferência: O objeto, o conto e a vertigem”, escrito pelo psicólogo Luís Henrique Ramalho Pereira.

Por fim, destinamos uma parte do boletim para inserir os eventos e atividades da CEIP neste ano.

Horário de Funcionamento

De segunda a sexta-feira

Manhã: 8h às 12h

Tarde: 13h30min às 17h30min

Contato

Rua Floriano Peixoto, 1750 – térreo do Prédio

de Apoio da UFSM (antigo Hospital Universitário)

Santa Maria-RS CEP 97015-372

Telefone: (55) 3220-9229

E-mail da secretaria: ceip@smail.ufsm.br

Site: <http://www.ufsm.br/ceip>

REALIZAÇÃO

Comissão de Publicação:

Anselmo Gardim Azevedo

Ariadini de Andrade dos Santos

Caroline Matos Romio

Marina Zanella Delatorre

EQUIPE DE REVISÃO

Luís Fernando Lofrano de Oliveira (coordenação geral da Clínica)

Aline Bedin Jordão e Amanda Schreiner Pereira (coordenação técnica da Clínica)

Quem somos

A equipe que compõe a Clínica está formada por um coordenador geral, duas coordenadoras técnicas, 14 estagiários do curso de Psicologia – UFSM e 2 bolsistas.

COORDENAÇÃO GERAL

Luís Fernando Lofrano de Oliveira

COORDENAÇÃO TÉCNICA

Aline Bedin Jordão

Amanda Schreiner Pereira

ESTAGIÁRIOS

Anelise Schaurich dos Santos

Anselmo Gardim Azevedo

Ariadini de Andrade dos Santos

Caroline Matos Romio

Edinara Zanatta

Gabriela Barbosa de Lima

Gabriela Zuchetto

Jessica Vaz Lima

Juliana Flores Campos

Larissa Wagner Leal

Letícia Reguelin Comazzetto

Marina Zanella Delatorre

Mônica Angonese

Rafaela Quintana Marchesan

BOLSISTAS

Alice Krebs Teles

Giovani Piccinin

O começo de uma história... Entrevista com Maria Luiza Kahl Furtado¹

A psicóloga Aline Bedin Jordão, que compõe a coordenação técnica da CEIP, realizou contato com a Prof.^a Dr.^a Maria Luiza Furtado Kahl (Marilu), que atualmente reside no Rio de Janeiro – RJ, e foi a precursora da Clínica de Psicologia da UFSM, inicialmente denominada SACI (Serviço de Atendimento Clínico-Institucional). Buscou-se resgatar dados importantes do início da história desta clínica, como o propósito e objetivos pelas quais foi concebida, bem como seu lugar diante da formação acadêmica e do atendimento à comunidade.

Segundo Marilu, o SACI foi pensado para acolher os estágios do curso de Psicologia então criado na UFSM: “A ideia original (nos dois sentidos, o de estar no princípio mas também o de inovar) foi a de possibilitar que os professores criassem projetos de estágio com independência das áreas convencionais da prática psi (escolar, hospitalar, clínica e comunitária), já que se pensava que tais áreas não contemplavam os modos atuais do fazer psi”. O propósito, segundo ela, era de que a clínica oferecesse seus dispositivos de cura, de atenção e cuidado em variados âmbitos, pensando-a de modo ampliado, capaz de ultrapassar as perspectivas que se restringem às práticas de consultório.

Marilu considera que esta proposta acabou não dando certo, por razões de ordem institucionais, e que os projetos acabaram sendo propostos nas áreas convencionais da Psicologia.

Sobre o nome SACI, Marilu comenta que foi pensado em homenagem ao personagem de Monteiro Lobato (Saci). Para ela, “esse ser manco servia como luva, como metáfora do quão claudi-

cantes somos nós humanos especialmente para a escuta psi. Ou seja, estaria em consonância com um local de prática psi cuja escuta privilegia, justamente, as mancadas, as falhas humanas, demasiado humanas, das palavras e ações em geral”. Além disso, como sigla, Serviço de Atendimento Clínico-Institucional, expressava a idéia do que se queria criar em termos de estágio: “uma clínica que se altera por ter o institucional em seu cerne. E isso por vários ângulos: por ser uma clínica instalada no meio acadêmico, com objetivo de formação do aluno; por supor que sua incidência se ampliaria a outros espaços institucionais, como escolas, associações de bairro, escolas, hospitais, postos de saúde, etc.”.

Ressalta-se a importância deste resgate dos elementos que compuseram os primórdios desta Clínica, o que nos remete a questionamentos acerca da complexidade e dos desafios que permeiam a consolidação de um Serviço de Psicologia em um contexto universitário. Assim, podemos considerar que a proposta do “SACI” ainda permanece vigente, como marca de fundação da CEIP, no horizonte de suas pretensões de institucionalização. De fato, essa proposta não deixa de nortear os princípios da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia da UFSM.



¹ Psicanalista. Bacharel em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Especialista em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e Doutora em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Um recomeço... Entrevista com Claudia Palma²

No intuito de dar continuidade ao resgate de um saber sobre a história da instituição, fez-se necessário e fundamental buscar o contato e realizar uma entrevista com a Prof.^a Dr.^a Claudia Palma, que ocupou a função de coordenar a clínica e foi responsável pela alteração no nome da instituição para CEIP (Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia).

Claudia prontamente aceitou o convite da Comissão de Publicação da CEIP, colocando suas impressões e dados importantes sobre a história desta Clínica.

A entrevista de Claudia, que teve como responsável pela produção textual a estagiária Ariádini de Andrade dos Santos, você confere logo a seguir.

Sobre a alteração do nome de SACI para CEIP, Claudia fala que a proposta naquele momento – final de 2006 – era dar um outro estatuto para a clínica que até então chamava-se SACI (Serviço de Atendimento Clínico-Institucional). Segundo ela, a clínica precisava assumir o caráter de organização de uma clínica-escola que contemplasse várias perspectivas formativas. Conta que houve o entendimento de que o nome SACI não traduzia de forma clara a proposta de uma clínica psicológica, principalmente para a população. Com efeito, a clínica precisaria passar, naquela época, por uma reestruturação interna, incidindo diretamente na mudança do nome que deveria carregar essa ideia da nova organização.

Acrescenta que parte do quadro de professores vinculados ao curso de Psicologia propôs que os acadêmicos participassem dessa fase de reestruturação da clínica através da sugestão de nomes para a mesma.

A partir desse processo consolidou-se um novo nome para a clínica, que vigora até os dias de hoje: CEIP – Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia.

Como dito anteriormente, a ideia do nome CEIP (Clínica de Estudos e Intervenção em Psicologia) era oferecer uma organização diferente à clínica, em que ela começasse a ser percebida e reconhecida como uma clínica-escola. Claudia fala que a proposta era proporcionar também aos estagiários outros espaços de trabalho, que estavam para além dos atendimentos clínicos individuais ou grupais. Esses espaços começariam a se constituir através do trabalho de estagiários em comissões que visavam à organização das novas modalidades formativo-clínicas.

A proposta era que a clínica-escola pertencesse e fosse vinculada diretamente ao curso de Psicologia da UFSM. A inserção do corpo docente e discente do curso na ocupação do espaço da CEIP era previsto nessas mudanças. Claudia Palma ressalta a ideia de fazerem parte da clínica as distintas abordagens teóricas e de trabalho presentes na formação dos professores do curso de Psicologia (psicanálise, TCC, institucional, psicologia dinâmica). No que diz respeito à participação dos acadêmicos, o planejamento era o de articular a CEIP aos alunos da graduação e do programa de pós-graduação (ainda não existente nesse período, mas já desejado) através de estágio (para formação dos alunos dos 4º e 5º anos da graduação), ensino, produções de pesquisa e extensão. Além disso, a professora fala que elementos como a inserção da CEIP na atuação da rede de saúde mental e o não atendimento à pacientes psicóticos pela falta de psiquiatras no Serviço foram discutidos naquele momento de mudanças.

A CEIP teria como proposta acabar com as filas de espera por meio da realização de triagens em que o Serviço disponibilizava um número de vagas

limitado às possibilidades de absorção da clínica.

Os critérios de entrada para o atendimento após triagem eram: neurose e presença de sofrimento psíquico. Os alunos do 4º e 5º anos do curso de psicologia, estagiários da CEIP, que estavam interessados em participar do processo de triagem eram chamados. Todos os professores do curso eram responsáveis pelos estagiários, sendo a supervisão distribuída entre eles e direcionada para a abordagem do professor. Nesse período, os alunos dispunham de horários de plantões (extras), em que podiam levar os casos para supervisão.

Quando questionada sobre as contribuições que uma clínica de psicologia na universidade pode

ofertar à formação acadêmica dos estudantes e no atendimento para a comunidade, Claudia diz que a clínica de psicologia articulada à formação dos acadêmicos em geral, como um espaço institucional em que circulam diferentes perspectivas de trabalho e, quando bem estruturada, presta um serviço bem importante e único à comunidade.

Complementa falando que a clínica de psicologia na universidade se presta como um outro lugar para pensar a psicologia. Conforme Claudia, a diversidade enriquece a clínica, bem como a clínica ofertada no âmbito público implica a multiplicidade de oferta.

Recortes e percursos de uma clínica

Aline Bedin Jordão³

Uma das propostas desse número do (In)Formação é a de historicizar a Clínica de Psicologia da UFSM. Diante disso, proponho-me a discorrer acerca de meu percurso como integrante da CEIP, bem como levantar algumas questões a respeito da concepção de um espaço clínico num contexto institucional.

Acompanhei o surgimento do SACI (Serviço de Atendimento Clínico Institucional) na ocasião em que era acadêmica do Curso de Psicologia da UFSM. O Serviço surgiu como uma iniciativa importante e necessária para a aprovação do Curso bem como marcou um primeiro tempo deste espaço de práticas profissionais, proporcionando tanto um investimento na formação dos acadêmicos quanto um acolhimento ao sofrimento psíquico da comunidade.

Em 2004 fui aprovada em um concurso público da UFSM para o cargo de psicóloga e fui destinada a exercer minhas atividades no SACI. Tal situação veio totalmente ao encontro de meus interesses profissionais, que se direcionavam ao que

concerne à clínica e, em especial, à clínica de embasamento psicanalítico.

Desde sua fundação, a Clínica da UFSM é bastante requisitada pela comunidade. Os pedidos por atendimento sempre foram e continuam sendo intensos. Assim, pode-se afirmar que este lugar tornou-se uma referência importante no município e região no que tange ao acesso da população a uma possibilidade de tratamento psicológico.

“O caminho só existe quando a gente passa”, diz a letra de uma música. Assim tem sido com a Clínica. Nesses oito anos em que estou acompanhando a construção desse espaço, muitas questões têm se colocado e muitos avanços têm sido alcançados. Questionamentos, remodelamentos, reflexões, foram tornando-se necessários ao longo dessa trajetória.

Dentre as situações que sempre estiveram em pauta, pode-se citar o estatuto e fundamentos desse espaço clínico, a forma de acesso e ingresso da comunidade ao serviço, as necessidades de algumas

3 Psicóloga graduada pela UFSM. Especialista em Psicoterapia Psicanalítica de crianças, adolescentes e adultos pelo Instituto Contemporâneo de Psicanálise e Transdisciplinariedade. Mestre em psicologia clínica pela UNISINOS. Atua como psicóloga clínica, e é psicóloga do Curso de Psicologia da UFSM, como coordenadora técnica da CEIP.



padronizações no que diz respeito à dinâmica de funcionamento da Clínica, as discussões acerca dos efeitos do (não) pagamento nos atendimentos, o término do ano de estágio e o encaminhamento dado aos atendimentos e aos pacientes, as especificidades do trabalho de coordenação e supervisão, dentre outras. Tais questões decorrem da proposta de se trabalhar com clínica, pautada pela ética psicanalítica, em uma Universidade, o que de fato acarreta peculiaridades e desafios singulares.

Trata-se de constituir um lugar de experiência clínica, permeado por atravessamentos institucionais de diversas ordens. Às vezes a impressão que fica é de que é difícil conciliar a proposta de trabalho com as demandas da Instituição. Outras tantas vezes percebe-se que as possibilidades são bem mais significativas frente aos limites e impasses apresentados.

Percebemos, por exemplo, que o fato de que a experiência de estágio tenha um prazo para se iniciar e para findar, baseado em um calendário acadêmico, não deixa de convocar trabalho e reflexão. Ou seja, não priorizamos simplesmente o cumprimento e atendimento às burocracias instituídas. As questões clínicas que permeiam uma situação como essa extrapolam, e muito, os limites acadêmicos. Sempre algo do singular merece consideração aí, no caso-a-caso. E vai ser sempre o trabalho clínico o divisor de águas, o que vai dar o mote para as definições, mesmo sendo estas temporárias.

Instituir algo demanda tempo, demanda avaliar as peculiaridades e os propósitos do lugar que estamos buscando construir. A Clínica precisou de uma caminhada até ganhar uma “vida institucional”. Importantes avanços ocorreram no serviço a partir do ano de 2011. Muitos projetos que já existiam no plano teórico há algum tempo, mas que encontravam algumas dificuldades de implementação e sustentação, ganharam corpo. A partir da construção de um trabalho de Coordenação da Clínica, em que foi possível a abertura de um espaço para conceber a CEIP - seu estatuto, objetivos, propósitos -,

concretizou-se um lugar que se pode considerar, de fato, “clínico-institucional”. Nesse sentido, formaram-se comissões de trabalho - comissão de eventos, estudos, publicações e patrimônio -, ocupando-se de diversas questões que se articulam com a Clínica. As atividades teórico-clínicas intensificaram-se a partir da realização de seminários teóricos, discussões de casos, grupos de estudo, encontros clínicos e jornadas da CEIP. O trabalho das comissões possibilitou a criação de um espaço virtual (site), bem como a confecção do (In)Formação. Ainda, ressalta-se a ampliação nas articulações da Clínica com a rede de saúde mental local.

Certamente há muitas questões ainda das quais nos ocupamos no dia-a-dia de trabalho na Clínica. A cada momento novas iniciativas surgem, novos impasses também. O fato de termos muitas questões em “aberto” também nos permite um tempo de compreensão necessário para que possamos encontrar alternativas coerentes para preservarmos a vida institucional deste espaço, em consonância com as demandas da comunidade e dos acadêmicos.

Pensa-se a CEIP como um espaço em que se possibilita a sustentação do encontro de cada um com a clínica. Parte-se do pressuposto de que a formação se dá no singular, na medida em que cada estagiário que se propõe a construir uma condição de escuta se depara com suas questões. Ou seja, a partir do momento em que o estagiário se implica no trabalho, questionando por que leva aquele determinado material para supervisão, ou por que se sente incomodado em escutar determinado paciente é que o trabalho ganha outra dimensão e estatuto. Parte-se daquilo que para cada um que se põe a escutar faz com que um atendimento se torne um caso.

Assim, trata-se de trabalhar no sentido de que os estagiários possam construir uma passagem da posição de estudante para uma posição de clínico. Desenvolver uma possibilidade de escuta, para além de querer dominar a técnica, levando sempre em conta que cada um vai agenciando isso a seu próprio modo

e estilo.

A proposta é a da construção de um saber singular, que se desdobra da experiência, e que caminha sempre no sentido de uma abertura. A clínica exige sua constante produção. Não há, portanto, nenhuma preocupação em alcançar respostas ou produzir um saber acadêmico, e sim promover sempre um relançamento de questões no fazer da clínica.

Conclui-se que em meio a diversos avanços, construções, interrogações, algumas indefinições, o que prevalece é o desejo de operar uma clínica pautada pela ética psicanalítica. A pergunta que sempre volta e que nos faz avançar é “qual a clínica possível nesse contexto?”.

Que a CEIP possa continuar servindo como “endereço” aos que demandam uma escuta e um acompanhamento e que afirme e instigue o lugar do desejo pela clínica e pela psicanálise junto aos estagiários, dando abertura para a construção de saberes sempre singulares: eis o que se propõe.

É na fenda dessas discussões que estamos organizando e promovendo atividades e eventos pautados por essa temática para este ano de 2012: a clínica nas instituições, sua interfaces, possibilidades e limites.

A infraestrutura atual da CEIP



SALA DE REUNIÕES



SALA DOS ESTAGIÁRIOS



SALA DE ATENDIMENTO



SALA DE ATENDIMENTO

A partir dos atendimentos psicológicos realizados pelos estagiários da CEIP, começaram-se discussões internas acerca do conceito psicanalítico de transferência. Então, a Comissão de Estudos, responsável por promover Discussões de Caso e Seminários Teóricos, propôs a realização de um seminário para tratar de tal tema de grande importância no fazer “psi”. Através da leitura do capítulo 2 (*Freud e a transferência*) do livro **A transferência e o desejo do analista**, de Moustapha Safouan, o convidado **Luís Henrique Ramalho Pereira** compareceu na CEIP no dia 19 de abril de 2012, instigando os estagiários a refletir, discutir e trocar informações.

Como resultado desse espaço promovido na clínica, segue abaixo uma produção textual do psicólogo convidado, que tão gentilmente atendeu à nossa proposta, sobre a temática do Seminário Teórico realizado.

Anotações sobre a transferência: O objeto, o conto e a vertigem.

*Luís Henrique Ramalho Pereira*⁴

“...a memória trai a todos, é uma aliada do esquecimento, é uma aliada da morte” (Rubens Fonseca, 2011).

Este escrito visa estabelecer algumas argumentações acerca da prática psicanalítica no que concerne aos aspectos da transferência na clínica e seus ecos no que podemos identificar como o objeto enigmático, o que inauguraria o *Unheimlich* e, portanto, o lugar do analista com o ato-operação que lhe diz respeito. Essa “conexão falsa” assim descrita por Safouan (1991), ou esse endereçamento artificial, o que se notabilizou como o conceito de transferência na psicanálise, foi apresentado por Freud pela primeira vez nos capítulos finais de *Estudos sobre a histeria*. Safouan (1991) apresenta dois pontos amplamente debatidos por Daniel Lagache acerca do tema:

1. Sendo a transferência uma reivindicação-suposição direcionada ao psicanalista;
2. Sobre o mecanismo da transferência dois elementos:
 - a. no passado, o que está em jogo situa-se frente ao recalçamento do desejo;
 - b. no presente e fundamentalmente na relação com o psicanalista, há a abertura,

ou um despertar, do que originalmente forçou o “paciente a desprezar esse desejo clandestino” (Safouan, 1991, p. 23).

Sendo assim, o mecanismo da transferência passa a produzir uma substituição do objeto, nos permitindo concluir que o amor passa a ser indiferente ao objeto, passando o objeto a ser outra coisa, não-especular. A transferência é algo único, envolvendo analista e analisando. Freud (1980-1914) no texto *Introdução ao Narcisismo* afirma que “O estado do enamoramento nos aparece como a fase superior do desenvolvimento que alcança [a libido de objeto]; o que concebemos como uma resignação da personalidade própria em favor do investimento de objeto” (p. 74).

Entramos então no campo da suposição, o terreno das navegações e regressos que nos lançam a um retorno ao passado, uma atualização do passado pela via da transferência, o que Freud denominou “Neurose de transferência”, onde a repetição terá um lugar de destaque no campo narrativo. Uma suposição enquanto ato faz aparecer a suposição tanto do lado do sujeito quanto do lado do saber, sendo assim, “não é o analista o sujeito de quem se trata na formulação “sujeito suposto saber”,

Frente a esse lugar suposto nos embrenhamos no campo fértil dos segredos especiais, estamos jogados entre sinais e ruídos, assim nos tornamos compulsivos narradores, repetimos velhos caminhos, cenas do passado, contamos histórias para instalar possibilidades, ilusões e devaneios frente ao mal-estar. Ao contarmos histórias instauramos campos discursivos que promovem um olhar sobre o estrangeiro, um estrangeiro inconvenientemente familiar. O estranho da palavra se conjuga com a pulsão, tendo como consequência a fundação de uma linha que liga o agora e o passado, operando e circunscrevendo significantes que recortam uma narrativa; como se escrevêssemos um conto que em sua origem desestabiliza a própria estrutura narrativa, um duplo inquietante que imprime na tela um borrão, uma mancha, uma imprecisão, sendo assim, abrimos espaço para a criação do que chamamos transferência.

Essa experiência provoca então uma abertura, um intervalo de estranhamento, uma vertigem, um conto. Um conto, dito por Freud, de amor, um amor transferencial, um “fazer de conta”, “um divã ético”, ou seja, “fazer semblante de objeto da pulsão de seu analisante” (Quinet, 2009, p. 10).

Segundo a forma e a narrativa do conto, os personagens/sujeitos abrem espaço para elementos fantasmáticos, ou seja, elementos que imprimem a marca do estranho e do familiar, que são recolhidos no campo do Outro, fazendo parte do terreno da ficção e remontando a própria estrutura da escrita. O contar provoca fraturas lingüísticas e tensões oriundas do aparato narrativo, que são efeitos da vertigem, que jogam essa experiência do discurso para o campo do coletivo, do Outro. A transferência faz contar um amor, um dos fundamentos da teoria psicanalítica, onde a cena nos apresenta as raízes do amor infantil e das fantasias que são tecidas ao redor de tal conto vertiginoso (Pereira, 2008).

Vertigem é um termo que permite várias leituras. Pode designar sensação de giro do corpo, tontura, experiência de desfalecimento, desmaio ou fraqueza; a perda de autocontrole por um momento, tentação súbita, desvario ou loucura... Tem na raiz o termo *vertigo*, que reforça a indicação de deslocamento, de movimento: o movimento de rotação, giro, um redemoinho (de água), tontura, etc. A derivação do verbo latino *vertere* vai também nessa direção, como voltar-se; desviar, mudar, traduzir (Pereira, 2008, p. 57– 58).

O “*Unheimlich*” provoca terror, aparecimento do confronto estético, passo na descoberta do sujeito, é, portanto, uma experiência de vertigem, uma experiência do espanto/rastro do inconsciente. O estranho, a vertigem, está situado em um lugar “*Unheimlich*” da linguagem, algo do campo da caída, algo do corpo que cai. A experiência da vertigem é a confecção de um movimento de translação, ou seja, um movimento que produz uma inclinação do eixo/sujeito em torno de algo que lhe provoca. A vertigem é uma experiência que joga o sujeito para o campo da topologia, acreditando então que essa experiência se dá como um operador de passagem sobre o eixo de si. O sujeito é proveniente do corte e da torção construindo uma nova cadeia lógica levando-o a ascensão de um sujeito na estrutura simbólica. O ato do corte promove um sujeito cindido, ou seja, produzindo um outro contorno dentro da lógica existente onde o “Outro se define como esse campo que gira em torno de uma ausência, expressa na impossibilidade de definir-se a si mesmo” (Nasio, 1995, p. 12).

Sendo o suposto o prólogo transferencial, ou seja, via de acesso ao campo da neurose artificial, não podemos deixar de apontar para o suposto localizado entre o sujeito e o saber, se configurando como um lugar lacunar, um descontínuo, abrindo espaço para uma produção do limite do dizível, um ato da mais

definitiva decisão. E para finalizar as minhas argumentações, recorro ao trabalho de Edson Luiz André de Sousa (2007), no seu belo livro intitulado “Uma invenção da utopia” em que ele se refere ao criar como um “criar um futuro, um horizonte que exige de nos uma liberdade mínima para um fazer irreverente” (p.27).

BIBLIOGRAFIA:

FREUD, S. (1980/1914) Sobre o narcisismo: Uma introdução. Ed. Imago. Vol. XIV. 1980.

NASIO, J-D. O Olhar em Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

PEREIRA, Lucia Serrano. O conto Machadiano: Uma experiência de vertigem: Ficção e Psicanálise. Rio de Janeiro: Cia. De Freud, 2008.

PISETTA, Maria Angélica Augusto de Melo. O Sujeito suposto saber e transferência.

Revista Digital AdVerbum 6 (1): Jan a Jul de 2011: pp. 64-73.

SAFOUAN, Moustapha. A transferencia e o desejo do analista. Campinas, SP: Papyrus, 1991.

SOUSA, Edson Luiz Andre de. Uma invenção da utopia. Sao Paulo: Lumme Editor, 2007.

QUINET, Antonio. A estranheza da psicanálise: A escolar de Lacan e seus analistas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

Agenda

• A Coordenação e Estagiários da CEIP *agradecem aos profissionais que se disponibilizaram a participar das atividades de Discussão de Caso e Seminário Teórico.* Estamos certos de que as conversas, discussões e questionamentos que emergiram a partir desses encontros são únicos e possibilitaram aos estagiários espaços ricos de trocas presentes e importantes na área psi.

• Realizou-se no dia 1º de junho, no auditório do prédio de Apoio da Universidade Federal de Santa Maria, o IV Encontro Clínico. Esse evento que é organizado pela CEIP contou com a presença da convidada **Siloé Rey** – psicanalista e membro da APPOA – para compor a mesa tratando do tema **Os limites e possibilidades da clínica na instituição**. O evento contou com a presença de profissionais e estudantes da área. A Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP) agradece a todos os participantes do evento e, em especial, a Siloé Rey.

• Os coordenadores da CEIP estiveram presentes no V Congresso Internacional de Convergência | O ATO PSICANALÍTICO: suas incidências clínicas, políticas e sociais, que foi realizado nos dias 22,23 e 24 de junho e promovido pela APPOA.

• **VEM AÍ...**

III JORNADA DA CEIP

Temática: Clínica na Universidade

Quando? 09 e 10 de novembro de 2012

Onde? Auditório do Centro de Ciências Rurais – campos da UFSM – prédio 42

Em breve, maiores informações no site da CEIP.

(www.ufsm.br/ceip)

